

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 20 de junho de 2012**

Texto de referência: J. Carrón, “Um mestre a seguir”, em “Já não sou que vivo, mas é Cristo que vive em mim”, suplemento Passos, junho 2012, pp. 13-28.

- *Negra sombra*
- *Noi non sappiamo chi era*

Glória

Carrón: Quanto mais os tempos são duros, tanto mais é o sujeito que conta, é a pessoa que conta, nos lembra Dom Giussani, citado na primeira palestra dos Exercícios. Parece-me que a dureza dos tempos está diante de nós, não é preciso explicar muito. A situação em que nos encontramos desafia a nossa pessoa. Quanto mais duros são os tempos, mais o que conta é a pessoa: é exatamente nesses tempos que cada um de nós se dá verdadeiramente conta se é pessoa. Não se é pessoa ontologicamente (o que não está em discussão), mas se é pessoa com aquela autoconsciência que lhe permite não ser destruído, eliminado, reduzido a uma peça do mecanismo das circunstâncias. De fato, se isso acontece, não existe mais o eu. Permanece, obviamente, a ontologia (não podemos arrancá-la), mas ficamos à mercê de tudo. Por isso, este é um momento realmente propício – misteriosamente! – para verificar a nossa autoconsciência. Começo lendo um testemunho sobre a questão da crise: “Quería falar sobre a circunstância particular que fez nascer em mim um sentimento profundo de gratidão em tudo o que faço. Há alguns dias, depois de meses de espera, a empresa anunciou a situação financeira em que se encontra. Na prática, significa que precisa reduzir os custos. Na próxima semana comunicará o plano de contenção de despesas que vai adotar. Na mesma noite do encontro do sindicato, por uma estranha coincidência, meus quatro filhos me disseram, por meio de mensagens no celular, para eu ficar tranquilo, pois nenhuma notícia negativa conseguiria me derrubar. Não porque aos 56 anos não possa perder meu emprego – imagine! – mas somente (cito a mensagem de meu filho de 19 anos) ‘porque a consistência da sua vida é de um Outro sempre, não depende da circunstância, do mesmo modo como você nunca deixará de ser meu grande pai e eu, seu pequeno grande filho’. Foi um contragolpe forte. Meus filhos me lembravam aquilo que está escrito na página 18 do livrinho dos Exercícios: nas circunstâncias ‘nós ruímos por essa falta de autoconsciência. Porque nenhum poder deste mundo poderia nos derrubar [...], toda a energia da nossa força está simplesmente em reconhecer Aquele a quem pertencemos, Aquele que nos faz agora’. Preciso admitir, com sinceridade, que nunca poderia chegar a perceber a crise, que há meses estou vivendo no trabalho, como a possibilidade de um caminho de conversão para mim. Definir a crise como uma grande graça na minha vida era, até poucos meses, uma loucura. Agora, é como se eu percebesse, como da primeira vez, depois de trinta sete anos de Movimento, aquilo que você escreveu na mensagem aos amigos atingidos pelo terremoto: que este é o momento da pessoa. ‘Agora as explicações penúltimas não servem. [...] Quem sou eu? Sou uma parte deste todo que desmorona ou sou algo de outro?’. É realmente verdade: a expressão ‘eu-sou-Tu-que-me-fazes’ é a expressão última da minha vida”. Aos poucos, na medida em que percorremos a estrada, nos maravilhamos por estarmos diante de certas circunstâncias de um modo que há algum tempo atrás (não muito) nos pareceria loucura. Agora podemos entender. Agora começamos a entender, sobretudo quem fez o caminho, e quem se empenha constantemente. Esta é uma verificação (entre muitas que veremos esta noite) do caminho feito. Para quem o fez.

Colocação: *Quería expor tudo o que emergiu como consciência depois dos Exercícios e do encontro com o Papa, em Bresso. Já antes dos Exercícios era claro para mim que o que estava acontecendo em nossa volta não se reduzia a um juízo político, mas era vivido como um chamado*

para a minha conversão. Porém, em Rímíni, me perguntei – porque me parecia desejar o que todos desejam, me parecia não ser muito diferente –: se estar diante da realidade não é um problema de coerência, qual é exatamente o ponto?

Carrón: O que você quer dizer com “o que estava acontecendo em nossa volta”?

Coloção: *Todos os fatos políticos. A última Escola de Comunidade enfatizou bem onde está o ponto, e me detenho apenas sobre dois aspectos. Depois do encontro com o Papa consegui desmascarar duas posturas que inconscientemente eu autojustificava, e isso me deixou mais contente. A primeira: uma insatisfação, uma inquietude espasmódica, que me parecia boa enquanto índice do meu fio de desejo, condição para o meu reconhecimento de Cristo. Na verdade, percebi que quando essa insatisfação tem como resultado uma aversão às próprias dificuldades, uma não aceitação de si e uma busca de algo fora do próprio lugar privilegiado (que, no meu caso, é a família com os filhos), há algo errado. Poderia manifestar-se em um impulso ou uma busca de confirmações nos relacionamentos e assim por diante. A segunda postura diz respeito à inércia da qual você falava na última reunião. No início, eu a tinha identificado com um tipo de postura passiva, quando a pessoa não faz um trabalho. Mas, ao contrário, percebi que acontece também quando, por exemplo, uso a razão de maneira racionalista: persigo uma condição que me induz a tentar controlar todos os detalhes das coisas que tenho nas mãos, normalmente com uma intenção boa, não má. O resultado disso é um cansaço que me derruba, como quando alguém está em uma engrenagem que para de funcionar.*

Carrón: Em quê você reconhece que foi racionalista? A meu ver, isso é importante entender. Pergunto por que não é um problema para os especialistas. Em quê você reconhece que é racionalista?

Coloção: *Porque quero que tudo se encaixe, que todos os detalhes estejam sob controle, quero possuí-los.*

Carrón: E porque tentar acertar as coisas não é justo?

Coloção: *Porque não sou eu...*

Carrón: Por que é errado ser racionalistas? Simplesmente por que precisamos dizer algo contra o racionalismo? Por que nos preocupamos com o racionalismo?

Coloção: *Porque não sou eu que faço a realidade.*

Carrón: Entendi bem o que você disse, que você se sente destruída?

Coloção: *Sim.*

Carrón: Sentir-se destruída lhe corresponde? Não, então essa é a questão! Nós precisamos ver a não razoabilidade de certas posturas a partir dos seus resultados, porque é assim que entendemos qual é a natureza do erro. Entende por que Dom Giussani insiste no trabalho sobre o “instrumento do pensamento”? Porque se você usa a razão de modo racionalista, você se sente destruída, mesmo com todas as tentativas. Não é que você não faz nada, como você disse, faz muitas coisas, se envolve em muitas coisas (como a Marta do Evangelho), mas só uma coisa é necessária, e não num sentido “místico” do termo, como muitas vezes interpretamos. Não, preciso usar a razão de modo que perceba o fundamento da aparência daquilo que faço, porque desse modo, tudo vai para o seu lugar, e não porque você coloca tudo no lugar, mas porque, encontrando o ponto de origem, o significado de tudo, tudo readquire seu justo peso. Não é um equilíbrio que precisamos tentar conseguir em meio a todo o tumulto, isso seria impossível.

Coloção: *Antes de mais nada, queria retomar o que você disse no início, porque para mim os últimos meses, os últimos dias em particular, foram a documentação clara do fato de que agora é o tempo da pessoa. A pergunta que vem cada vez mais à tona é esta: o que me permite ser eu mesmo, isto é, livre, livre de tudo, não importa o que aconteça? Estou começando a entender que aquilo que você nos diz, isto é, que essa autoconsciência (quem sou eu e Quem me faz) não é apenas um problema sentimental ou intimista, mas é o problema de um relacionamento, de um laço. Você nos disse: é um pertencer. E eu estou começando a experimentar isso na pele, começo a entender quem*

sou e Quem me faz, dentro de um pertencer, dentro de um laço. Mas, este último período me fez ver claramente que nem todos os laços são laços verdadeiros.

Carrón: O isso quer dizer?

Colocação: *Nem todas as companhias são verdadeiras companhias, e é possível estar no Movimento sem ser capaz de se fazer companhia. Conto duas coisas. Um dia, acordamos em Bolonha e toda a cidade foi invadida por uma notícia: um político da cidade tinha se suicidado na noite anterior. Era um homem muito popular e muito estimado. Eu não tinha a menor ideia de quem ele era, não o conhecia, mas este fato me tocou muito. Então, disse a mim mesmo: não é verdade que este homem não tenha companhia, há muita gente em volta dele, é amado por todos. Depois, pensei na minha vida e me perguntei: eu também estou no meio das pessoas, mas o que realmente me faz companhia? Em outras palavras: por que posso dizer que a minha vida não é solitária? De fato, o suicídio é sinal do juízo de que, no fim, você está sozinho. Descobri isso com o episódio do terremoto. Onde eu estava, ele foi bastante sentido, mas não causou os danos graves que causou em todas as cidadezinhas da região de Modena. Porém, gerou um momento de tumulto geral. Impressionou-me, ouvindo inclusive muitos amigos e familiares, perceber pela primeira vez que todos estávamos diante de um fato que literalmente nos fez sentar no chão, com a sensação de que tudo viria abaixo. Diante disso, não sabia como reagir: sentia-me no dever de responder também aos meus amigos, mas não sabia o que fazer. Lembro-me que também senti necessidade de nos encontrarmos. Pois bem, estávamos ali desnorteados pelo que tinha acontecido, e eu disse: “Nós podemos ficar juntos, nos encontrar, etc. E depois?”. Então, telefonei para você para falar sobre isso. E me tocou muito o que você me disse: “Este fato coloca você e todos diante de uma grande pergunta: quem é você? Você pode dizer, pela experiência que está fazendo, que não é parte de tudo aquilo que desmorona?”. E quando você fez essa pergunta, foi o primeiro momento – para ser sincero – no qual eu não me senti sozinho. Fiz experiência da libertação: não sei o que vai acontecer, porém, essa autoconsciência já me dá, agora, uma paz. A companhia que busco é essa companhia! Uma companhia que me lembra quem eu sou e Quem me faz ser. E o sinal de que uma companhia é verdadeira, pelo que vivi nesses últimos dias e nesses meses, não é o fato de nos falarmos repetidamente sobre a companhia, mas é o fato de alguém, dentro de uma comunhão, fazer justamente essa experiência de libertação. Este é o sinal, e uma experiência assim – pelo que vivi – dá uma energia, uma criatividade, uma força e uma liberdade – que antes não teria pensado – maior do que todas as coisas verdadeiras ou justas que se possa dizer.*

Carrón: Obrigado. Esta é uma contribuição preciosa para percebermos qual é o conteúdo dos Exercícios, isto é, para entendermos o que significa a autoconsciência. Quem eu sou e qual é a minha exigência total de significado não encontra resposta apenas no fato de estarmos juntos. Se nós não entendemos isso, então não podemos entender o que Dom Giussani quer dizer quando fala que este é o momento da pessoa. E não encontraremos resposta adequada à exigência que temos. Podemos ver isso quando a vida nos desafia, como diante do terremoto. Podemos sentir necessidade de nos encontrarmos, de estarmos juntos e, então, surge com uma potência ainda maior a pergunta: e agora? E agora?! Um uso racionalista da razão não pode responder a isto. Por quê? Porque não é que não estamos juntos, não é que não participamos da realidade que está acontecendo, mas somos como que arrastados pela torrente das circunstâncias. Eu sou parte daquilo que desmorona ou não? Há um eu ou há apenas o panteísmo? Sou apenas uma peça do mecanismo das circunstâncias, nesse caso dos tremores, ou do conjunto da nossa impotência? Assim, podemos entender que sem responder a essa urgência não existe o eu, não existe o eu! Começamos a entender que o eu não é um problema sentimental, não depende de nos juntarmos para resolver o drama, mas é nessa urgência de significado de totalidade que existe ou não existe; e se não existe, não existe o eu, não existe o eu como autoconsciência, não existe o eu como possibilidade de estar na realidade. Mas, quando no meio de tudo, alguém fala do significado, então a pessoa entende que é verdadeiro porque a liberta, porque acontece algo radicalmente diferente, radicalmente novo. E em que se vê isso? Que agora sou livre dentro das circunstâncias (não fora das circunstâncias, mas dentro das

circunstâncias). Como testemunham muitos atingidos diretamente pelo sismo: “Este terremoto derrubou algo mais do que as paredes. Com grande tristeza fiquei bloqueado, petrificado diante de tudo isso. Estes fatos trouxeram à luz toda a minha fragilidade, toda a minha necessidade de apoiar os pés sobre algo que não trema nem desmorone. A pergunta que mais potentemente cresce em mim é esta: qual é a minha consistência? Onde coloco a minha esperança? Machuca ver que no fim sou como todos. Nos Exercícios você nos disse para partirmos da nossa humanidade. Em sua mensagem também escreveu que Dom Giussani nos disse que é este o tempo da pessoa. Mas eu tenho medo, ansiedade, e não saio disto sozinho”. O desafio é nesse nível, mas basta que a pessoa tome consciência de si e vejam o que acontece: “Dois dias depois do forte abalo do terremoto de 29 de maio, entrei em casa para tomar banho. Comecei a tremer como uma folha e comecei a repetir para mim mesma: mesmo que a terra trema, eu não tremo. Enquanto continuava a tremer, me surpreendi reconhecendo que aquilo que estava dizendo era verdade, não porque eu não estivesse mais tremendo, mas porque aquilo que estava dizendo era mais verdadeiro, tocava mais o fundo da questão do que o meu próprio tremor [“tocava mais o fundo da questão do que o meu próprio tremor”: se não chegamos até aí, somos racionalistas e não nos desbloqueamos]. Foi o reconhecimento da evidência [não é um problema de energia, não é um problema de força, não é um problema de *performance*, mas é um problema de simplicidade que reconhece (como o cego de nascença) o fundo último da realidade] e, mesmo tremendo, decidi ficar ali tomando banho [não é pela maneira de falar que alguém é diferente. Não, é diferente porque age de maneira nova: em vez de fugir, “mesmo tremendo, decidi ficar ali tomando banho”]. Eu não fazia parte do terremoto, mesmo que tivesse ficado soterrada sob os escombros [treme com o terremoto, mas não fazia parte do terremoto: este é um eu, este é um eu cuja consistência não está em não tremer (porque pode continuar tremendo) mas no fato de não ser parte do terremoto]. E fiquei surpresa. Se naquele instante, tão difícil para mim, foi possível abrir-me ao Mistério do ser, ao ‘Tu-que-me-fazes’, isso significava que era e é possível em qualquer situação e circunstância. Imediatamente pensei nos outros habitantes da cidade, que, como eu, estavam cheios de medo e de preocupações por causa do terremoto. O que me acompanhou nos dias que se seguiram ao terremoto, quando o medo de ver a terra tremer de novo era muito grande, quando todo o futuro parecia impedido, foi o reconhecimento contínuo de que não importa quanto o futuro possa ser obscuro, pois o presente, o agora, existe, e existe porque Alguém está me dando [é o imediato do qual falava Dom Giussani na Praça de São Pedro, em 1998: reconhecer a evidência do real, esta é a consistência]. O que estou percebendo nestes dias é que cada circunstância, cotidiana ou excepcional, tem um potencial altíssimo de desafio. O Mistério sempre nos chama a nos abirmos a uma medida radicalmente diferente da nossa e, se a deixamos entrar, faz a verdadeira diferença. Viver assim é decididamente mais bonito”. Mas, para que isso aconteça é preciso que cada um de nós diga “Eu”, porque sem esse apego de cada um de nós à evidência do ser, de novo nós ficamos presos nas circunstâncias. E exatamente porque nós não ruímos – não é que este seja o ponto de chegada! –, podemos, depois, começar a fazer tudo aquilo que é preciso fazer, como me disse outra pessoa envolvida no terremoto: “Verifiquei, novamente, que aquilo que sempre nos dizemos na caritativa é verdadeiro. É verdade, existe em nós essa necessidade total de compartilhar [porque se moveu para ajudar os outros], e se essa necessidade é calada e sufocada o nosso eu é menos eu. A incapacidade de resolução não torna vã essa necessidade, paradoxalmente a amplifica e nos abre ao mistério do outro, ao mistério do nosso eu. Toda a necessidade que nossos amigos têm, é a minha própria necessidade. Se não sinto essa corda vibrar em mim agora, não consigo mais viver. E minha vida não me parece mais vida”. Foi por isso que essa pessoa se moveu para responder também à necessidade. Mas só é possível responder quando não estamos destruídos em meio à confusão geral. Se vivemos assim, podemos entender qual é a tarefa que temos, qual é a nossa utilidade para o mundo em um momento em que – como eu dizia na mensagem aos amigos atingidos pelo terremoto – todas as respostas penúltimas, que estão na boca de todos, não servem para nada. “Agora, na região em que moro, não há mais nenhuma igreja num raio de trinta quilômetros, todas estão muito

danificadas. Diante disso, dizia a mim mesmo: agora, Jesus, nós mesmos precisamos torná-Lo presente no mundo. Agora nos é pedido é para sustentarmos a esperança, para que seja evidente para todos que o Senhor é mais forte do que o terremoto”. Mas não é qualquer um que pode fazer isso, só o pode fazer alguém que tem uma consistência que lhe permite sustentar essa esperança. Só assim podemos entender qual é o alcance da nossa contribuição.

Colocação: *Sou universitária. Em novembro, quando morreu nosso amigo Giovanni, todas essas perguntas que você está fazendo esta noite surgiram de maneira clara dentro de mim, porque era evidente que se eu colocasse toda a minha consistência no relacionamento com amigos que no dia seguinte fossem tirados de mim, eu desmoronaria. E sua posição em relação a isso, quando você disse que o último grande gesto de amizade de Giovanni foi o de nos colocar diante do Mistério, imediatamente me desafiou. Quando, tempos atrás, fui ver a Mostra sobre Santo Agostinho, fiquei comovida diante do episódio da morte de um seu caro amigo, quando você disse: “A minha alma estava absolutamente em crise, e eu dizia a mim mesmo para esperar em Deus, mas não me satisfazia, pois como poderia esperar em um fantasma?”, porque para mim, ao contrário, não foi assim. Eu realmente não perdi a esperança, em primeiro lugar, porque meus amigos ficaram comigo e, através deles, vi um olhar indescritível e belíssimo. Conto um último fato que aconteceu. Uma tarde, estava ouvindo um amigo falar sobre os dias da morte de Giovanni, com detalhes que eu não me lembrava. A certo ponto comecei a sentir um vazio, uma tristeza profunda, que eu queria arrancar de mim porque me incomodava, pois eu não devia estar assim, devia estar feliz. Foi preciso que meus amigos me desafiassem perguntando-me se com sua morte tudo estava acabado. Era Jesus que, através deles, me pedia para fazer um trabalho. Depois, quando li o texto da Escola de Comunidade, comovi-me mais uma vez, em particular quando li este trecho: “Se você não tivesse tido essa companhia, tanto para mim como para você, Cristo seria apenas uma palavra objeto de frases teológicas, ou, no melhor dos casos, um chamado a uma afetividade ‘piedosa’, genérica e confusa, que ficaria evidente somente no temor dos pecados, quer dizer, em um moralismo”. E, ainda: “Ao contrário, o relacionamento com Cristo, com Deus feito homem, coincide com o relacionamento com aquelas pessoas que documentam, que testemunham que Cristo está presente, não tanto porque estejam fisicamente presentes, mas porque vivem uma intensidade humana que documenta a Sua presença hoje. De fato, para testemunhar a Sua presença hoje por meio dessa intensidade, dessa mudança, é preciso que Ele esteja presente”. Nunca tive tão clara a consciência do que aquele amigo significava realmente, mesmo não estando mais fisicamente presente. E isto simplesmente me abre a um novo uso da razão em relação a este fato: graças a isso, posso dizer que a amizade com ele, a partir dos fatos que estão me acontecendo, continua e está se aprofundando, mesmo que para o mundo, na realidade, esteja tudo acabado.*

Carrón: Obrigado. Para o mundo tudo está acabado, mas aquela intensidade, aquela diversidade da qual ela fez experiência permanece também no presente. “Como nós podemos fazer esse caminho?”, me perguntam. Não quero terminar sem responder a uma pergunta sobre o seguimento que chegou a mim em duas versões diferentes. “Na palestra do sábado de manhã dos Exercícios da Fraternidade você disse, citando Giussani: ‘O desejo da lembrança de Cristo amadurece como história em nós, não cresce automaticamente, mas – como cresce cada capacidade nossa – seguindo alguém’. Depois, Giussani conclui: ‘Não o apego à pessoa, mas o seguimento de Cristo é que é a razão do seguimento entre nós’. Eu realmente preciso de um esclarecimento em relação a isto, porque é fonte contínua de equívocos, porque é fácil cair no equívoco de uma companhia protetora, na qual nos sentirmos amados e seguros sem nunca saber verdadeiramente o que queremos, quem amamos, por quem vale a pena viver”. Outra pessoa escreve: “Ultimamente você tem falado frequentemente sobre seguir. Dei-me conta de que para mim é um ponto em aberto, porque de fato não saberia dizer quem eu sigo concretamente, e na minha experiência normalmente caio na interpretação, vou atrás daquilo que me toca. Fico entusiasmada em alguns momentos, como ouvir

você nos Exercícios, ler a carta do *La Repubblica* ou ver o Papa, porque ali reconheço em ato uma unidade, uma plenitude de vida que desejo para mim, mas depois me perco no caminho. Parece-me que quando você fala em seguir, significa algo mais do que uma referência na qual inspirar-se, você quer dizer uma identificação total como a de um filho que, sem querer, quase assume as características do pai, sem ser uma cópia dele. Se não é ficar se encontrando com a pessoa (você disse que nunca via o Gius), o que tornou possível para você uma identificação como a que você nos mostra continuamente?”. Essa identificação consiste naquilo que Dom Giussani sempre nos disse: uma comparação intensa com aquilo que nos diz, porque o seguimento é essa possibilidade constante de deixar-se transformar diante do testemunho, da maneira com a qual alguém que está diante de nós vive a realidade. E como sei que estou seguindo? Como sei que uma companhia me faz realmente companhia? Repetimos muitas vezes, durante todo esse período, aquela famosa frase de Dom Giussani – desde que a li não houve um dia em que não precisasse repeti-la para mim ou para outra pessoa –: a fé é uma experiência presente, que encontra a confirmação da sua conveniência humana, da sua verdade, na própria experiência. Se não é assim, nós não podemos resistir em um mundo em que tudo diz o contrário. Como sei se estou realmente seguindo? Sei que estou realmente seguindo pela confirmação da minha experiência naquilo que acontece. Vimos isso, hoje, em diversos testemunhos. Como é possível saber se uso bem a razão ou não, se a uso de maneira racionalista? Se eu não estou de pé, se estou caído. Como posso saber se é uma verdadeira companhia? Se me torna livre. Como percebo que não caio quando tudo desmorona? Porque não fujo, estou ali tomando meu banho, porque “não sou parte do terremoto”. Como digo sempre, não precisamos de um suplemento de certeza fornecido por algo fora da experiência. Nós sabemos que estamos seguindo pela experiência que fazemos segundo uma modalidade, segundo um tempo que não somos nós que decidimos. Agora começamos a ver os sinais de um percurso feito, que no início não entendíamos aonde levava. Não víamos os sinais da conveniência humana, simplesmente seguíamos porque Dom Giussani tinha nos proposto. Agora começamos a ver que na experiência temos os sinais que nos permitem reconhecer quando estamos seguindo. Então, a questão é essa comparação contínua com aquilo que nos é proposto através da Escola de Comunidade (o texto e o que acontece aqui e nas reuniões de seus grupos), porque isso nos faz entender o que é realmente seguir. E isso faz com que vocês se deem conta de como é necessário constantemente não apenas fazer uma experiência, mas julgá-la com aquela exigência à qual sempre somos chamados e que se chama coração, porque de outro modo não podemos verificar que é verdade aquilo que nos dizemos. Como reconheço que é verdadeira a experiência que eu faço? Porque corresponde a toda a minha exigência de libertação, a toda a minha exigência de paz, a toda a minha exigência de consistência, a toda a minha exigência de estabilidade. Não precisamos que ninguém nos explique essa correspondência, precisamos apenas fazer experiência dela. E quando fazemos experiência dela é fácil vê-la, assim como é fácil ver a luz do dia: impõe-se com toda a sua evidência. Por isso, se nós nos engajamos nessa estrada que Dom Giussani constantemente nos oferece – não temos outra coisa para propor! –, podemos constantemente verificar se estamos seguindo, através da evidência daquilo que acontece.

Colocação: *Essa pergunta nasceu daquilo que mais me marcou neste período, em que me senti profundamente magoada, perturbada e com uma ferida sangrando, por causa dos fatos recentes que colocaram nossa história à prova. Não estou me referindo tanto ao terremoto ou à crise econômica, e nem aos ataques políticos, mas àquilo que atacou a origem da nossa história com uma afronta tão odiosa. Nos Exercícios, quando você falou, citando Giussani, de uma sociedade contrária, me pareceu quase exagerado, porque é verdade que estamos em minoria, somos culturalmente uma minoria, mas eu nunca tinha visto um ódio tão gratuito, tão sem sentido. Agora, diante dessa perturbação profunda me pergunto “por que”, onde o “por que” não é um “por que” como explicação analítica das causas, mas o “por que” pode acontecer uma coisa desse gênero.*

Carrón: Agradeço-lhe porque isso nos permite reler o que Dom Giussani diz, para nos ajudar a responder. É um texto de 1972 publicado em *Passos* de março de 2008: “Na vida de quem Ele chama, Deus não permite que aconteça algo que não seja para uma maturidade, para um amadurecimento daqueles a quem chamou. Isso vale antes de mais nada para a vida da pessoa, mas ultimamente e mais profundamente para a vida da sua Igreja, analogamente, para a vida de cada comunidade, quer ela se chame família ou comunidade eclesial, no sentido mais amplo. Deus nunca permite que aconteça algo que não seja para nossa maturidade, para o nosso amadurecimento. Antes, é exatamente da capacidade que cada um de nós e que cada realidade eclesial tem (família, comunidade, paróquia, Igreja em geral) de valorizar como caminho de amadurecimento aquilo que aparece como objeção, perseguição ou de algum modo como dificuldade, é da capacidade de tornar isso instrumento e momento de amadurecimento, que se demonstra a verdade da fé [também aqui coloca em evidência qual é a maturidade da nossa fé: se nós conseguimos usar tudo isso, seja o que for, sem nos perdermos em elucubrações que não nos interessam, porque isso é racionalismo puro, isto é, um permanecer na aparência, o que não interessa porque, como já disse outras vezes, pelo menos podemos dizer que o Mistério não nos poupou, portanto é para nós, para nosso amadurecimento. Esse amadurecimento não acontece mecanicamente, mas depende da nossa capacidade de usar as circunstâncias para um relacionamento, para uma consistência, para uma busca de Cristo cada vez maior, para podermos viver cada coisa sem nos determos na aparência]. [...] Podemos dizer que este é o sintoma da verdade, da autenticidade ou não da nossa fé: se em primeiro plano está verdadeiramente a fé ou em primeiro plano está outro tipo de preocupação, se realmente esperamos tudo do fato de Cristo, ou se do fato de Cristo esperamos aquilo que decidimos esperar, ultimamente tornando-o motivo e apoio para nossos projetos ou para nossos programas. A lei do desenvolvimento espiritual, essa lei dinâmica da vida da nossa fé, à qual acenamos agora, é realmente de extrema importância tanto para os indivíduos como para a coletividade. Tanto para a coletividade como para os indivíduos. É sempre verdadeiro que, para quem entende Deus e deseja Deus, tudo coopera para o bem; e é sempre verdadeiro que, na dificuldade, vem à tona se você deseja Deus ou não. É o eterno dilema que comanda cada pronunciamento do homem, cada ação do homem, cada expressão do homem, é a alternativa que denuncia a ambiguidade possível na raiz de cada flexão humana. O mundo é uma grande ambiguidade para o espírito sem clareza. O espírito do homem tem a tentação da ambiguidade sobre qualquer outra coisa. Não é por acaso que Cristo falava em parábolas, “para que vendo não possam ver e ouvindo não possam ouvir”. E o mundo todo é como uma parábola: demonstra Deus como uma parábola demonstra o valor ao qual quer chamar a atenção e “quem tem ouvidos, ouça!”. Diante da parábola vem à tona o pensamento secreto do coração. Aquilo que o homem ama vem à tona diante da interrogação, do problema, da pergunta, da dificuldade. [...] Se aquilo que buscamos é Cristo ou é nosso amor próprio, se é a afirmação de nós, sob qualquer flexão, segundo qualquer vertente, é possível ver, vem à tona, exatamente no momento da prova e da dificuldade”. Por isso, essas circunstâncias, que não nos são poupadas, podem se tornar para nós parte da nossa estrada, do nosso caminho, do nosso amadurecimento, para podermos ser cada vez mais dignos de tornar Cristo presente, mais purificados de qualquer coisa que não seja isso, ao invés de colocar nossa segurança naquilo que fazemos, como diz Dom Giussani em uma frase que fica na cabeça pela beleza daquilo que exprime: “O cristão não está apegado a nada além de Jesus”. Espero que nessas circunstâncias nós possamos crescer nesta certeza. Podem nos despojar de tudo, mas ninguém poderá tirar de nós o fato de que não somos apegados a nada além de Jesus.

AVISOS:

Férias. O título que queremos dar às férias, como vimos esta noite e como estamos dizendo nestes últimos tempos, e que nos parece mais adequado é: “É o tempo da pessoa”. Acho que nunca o sentimos pertinente como neste momento.

Todo o trabalho, da Escola de Comunidade aos livros indicados para as férias, será uma ajuda nisso. Sugerimos, portanto, retomar a segunda palestra dos Exercícios da Fraternidade que tem ligação com quinto capítulo do livro *Na origem da pretensão cristã*.

Entre os **livros indicados para as férias**, destacamos em particular *Assassinato na Catedral*, de T.S. Eliot, porque tem ligação com o trabalho do texto de Escola de Comunidade e com o percurso feito. Deste livro, queremos sublinhar não tanto o heroísmo da pessoa (não queremos desviar a atenção para o heroísmo da personagem), mas o testemunho de um homem livre diante do poder e o percurso que precisa fazer para ser capaz de “se sustentar” mesmo em uma circunstância indesejada como a do martírio, uma coisa que ninguém procura nem deve procurar. Interessa-nos entender que, devido à nossa fragilidade e inconsistência, ficamos sonhando com essa liberdade se não estamos disponíveis a este percurso. Por isso, não é o heroísmo do protagonista que nos interessa, porque não é heroísmo, é simplesmente o êxito de um laço mais forte do que qualquer outra coisa.

Toda a segunda palestra dos Exercícios descreve o caminho de certeza que é preciso fazer para que seja gerado um sujeito que testemunhe o que quer dizer ser cristãos em uma sociedade como a nossa. Para isso, a Escola de Comunidade e o trabalho sobre os Exercícios são o caminho que devemos percorrer, também e sobretudo nas férias que, por definição, são o tempo livre, quando cada um no fundo pode fazer aquilo que quer, pode decidir como usar o tempo: podemos ter a possibilidade de verificar, quando podemos decidir livremente o uso do tempo, ao que damos o tempo e a energia.

Um segundo livro é: *O milagre da hospitalidade*. Esse livro de Dom Giussani reúne seus diálogos com a Associação Famílias pela Acolhida. É útil para todos lê-lo, porque podemos ver como a hospitalidade é um testemunho da natureza do cristianismo. É a comunicação de um “pleno” sobre o qual a vida se apoia.

Urgência Terremoto na Emilia e Lombardia. Muitos amigos nos perguntam como ajudar as pessoas atingidas pelo terremoto. No site da Companhia das Obras há uma seção atualizada com a relação das necessidades mais urgentes e com as informações para recolhimento de fundos. Em particular, a CdO na Emilia está à disposição para colocar diretamente em contato quem tem disponibilidade de *trailers* e as famílias que precisam.

Veni Sancte Spiritus

Boas férias a todos!